

3

Artigo

História da EAD no Sertão Pernambucano: o rádio e o movimento de educação de base

*José Roberto Barbosa Feitosa*¹

*Ricardo Barbosa Bitencourt*²

RESUMO

A educação a distância vem, a cada dia, se popularizando no mundo, especialmente com o avanço no acesso aos recursos mediados com a ajuda da internet. Esse processo, que não é nada recente, envolveu o desenvolvimento de tecnologias e metodologias que vão, desde o ensino por carta/correspondência, passando pelo rádio até chegar aos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA). Neste trabalho, através de uma pesquisa de campo, de inspiração etnográfica, tenta-se mostrar um recorte dessa história no Sertão Pernambucano, com foco nos processos de atuação que envolvem o rádio no Movimento de Educação de Base – MEB.

Palavras-chave: MEB, radiodifusão, Emissora Rural, Petrolina.

ABSTRACT

Distance education grows its popularity as the access to internet mediated resources advances. This is not a recent process, it involved the development of technologies and methodologies ranging from correspondence courses, educational radio, to the present Virtual Learning Environments (VLE). This ethnographic inspired field research aims to present part of this history as it occurred in the backlands of Pernambuco, with emphasis on the processes involving radio as support to Basic Education Movement (Movimento de Educação de Base – MEB).

Key words: MEB, radio broadcasting, Rural Radio Station, Petrolina.

¹ IF Sertão Pernambucano – Campus Petrolina. E-mail: jrb2005@hotmail.com

² IF Sertão Pernambucano – Campus Petrolina. E-mail: ricardo.bitencourt@ifsertao-pe.edu.br

RESUMEN

La educación a distancia viene, a cada día, popularizándose en el mundo, especialmente con el avance en el acceso a los recursos mediados con ayuda de la Internet. Este proceso, que no es nada reciente, involucró el desarrollo de tecnologías y metodologías que van, desde la enseñanza por carta/correspondencia, pasando por la radio hasta llegar a los Ambientes Virtuales de Aprendizaje (AVA). En este trabajo, a través de una investigación de campo, de inspiración etnográfica, se busca mostrar pedazo de esa historia en la región del “sertão” Pernambucano, enfocando los procesos de actuación que involucran la radio en el Movimiento de Educación de Base – MEB.

Palabras clave: MEB, radiodifusión, Emisora Rural, Petrolina.

INTRODUÇÃO

O termo Educação a Distância, ou simplesmente EAD, pode ser visto sobre diferentes enfoques. Nakazone (2005, p. 12) define como sendo “um processo de ensino/aprendizagem, uma modalidade de educação que, embora feito a distância, mantém uma preocupação em articular conteúdos, objetivos e a iniciativa do aluno”. Moore e Kearsley (1996, p.1) afirmam que o conceito fundamental da EAD é simples: alunos e professores estão separados pela distância e, algumas vezes, também pelo tempo. Essa modalidade supõe um processo de autoaprendizagem, no qual o professor e o aluno estão separados espacial ou temporalmente (NAKAZONE, 2005, p. 8). Mas, na opinião de Tori (2012) e Nakazone (2005), nem todos

os cursos nessa modalidade podem ser ditos, literalmente, como sendo a distância, pois devem ter seus momentos com presença física dos participantes. Autores como Keegan e Simonson (*apud* TORI, 2012) evitam definir o que vem a ser distância na educação e comentam que:

O que importa em um processo de ensino-aprendizagem não é a distância física real entre aluno e professor (se separados por quilômetros ou metros), mas sim a efetiva sensação de distância entre os participantes. Ao se falar em Educação a Distância muitas vezes se esquece que o que se deve almejar é a eliminação das distâncias, uma vez que essas por si só não trazem vantagem alguma do ponto de vista pedagógico (TORI, 2012, p. 2).

Percebe-se nesses autores que o termo distância deve ser entendido como algo a ser levado em conta no processo de ensino/aprendizagem, não como algo afastado, mas de modo a aproximar o mais possível, eliminando a distância entre os atores envolvidos nesse processo, ou seja, professores e alunos tendo suportes necessários para que se concretize a aprendizagem.

Gomes *et al* (2012, p. 2), citando a legislação brasileira, pontuam que

Educação a Distância é uma forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação. (Diário Oficial da União decreto n.º. 2.494, de 10 de fevereiro de 1998).

Até os anos 80, as instituições que promoviam cursos a distância baseavam seus trabalhos em material impresso, programas em áudio, vídeo ou transmissões em TVs e rádios educativas. A partir dos anos 90, a EAD entra numa fase caracterizada como terceira geração e passa a ser a integração de redes de conferência por computador e estações multimídias (GOMES *et al*, 2013).

O uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) no campo educacional proporciona um acesso significativo a informações, as quais exigem adequações nas estratégias pedagógicas utilizadas por professores e alunos. Essa premissa é confirmada com Tiffin e Rajasingham, citados por Gomes *et al* (2013), que consideram que as características da educação foram diferentes nas sociedades pré-industrial, industrial³ e da informação⁴.

Para que ocorra o conhecimento e a aprendizagem, é importante entender a comunicação como um processo social fundamental com base em relações cooperativas, um assunto que deve ser mais dirigido para o pedagógico e institucional do que para o tecnológico (GOMES *et al*. 2013).

Segundo Piaget e Gréco (1974), para que ocorra a aprendizagem e conhecimento nas relações cooperativas, esta deve levar em conta o respeito mútuo, procurar compartilhar a prática de ensinar e aprender, sendo alunos e professores agentes em constante

diálogo. Assim, a comunicação aparece como algo fundamental neste processo.

De acordo com Nakazone (2005, p. 8), com o uso da tecnologia no ensino a distância, em relação aos atores envolvidos, professores e alunos, “mesmo eles não estando juntos de maneira presencial, estarão conectados por meios tecnológicos [...] estando ou não em locais de difícil acesso ou onde o professor não possa estar presencialmente”.

Apesar de, para muitos, a EAD ser algo muito recente, especialmente com a popularização de cursos e de ferramentas mediadas pelo computador, essa modalidade de ensino não é algo tão recente. No Brasil, as primeiras atividades oficiais se deram ainda no final do século XIX com os primeiros cursos por correspondência. “O Jornal do Brasil, que iniciou suas atividades em 1891, já registrava anúncio oferecendo profissionalização por correspondência para datilógrafo (MATTAR, 2011, p. 57)”.

Com o desenvolvimento de novas tecnologias, como o rádio, a TV e, hoje, a internet, o alcance e as irradiações possibilitam a ampliação de uma rede de cobertura que atingiu vários municípios brasileiros. É nesse contexto, entre comunicação, educação e sociedade, que pode ser vista parte dessa história da EAD no município de Petrolina, no Sertão Pernambucano, com um processo de ensino a distância, através do rádio, mobilizado na fundação da primeira emissora de rádio da

³ Nas sociedades pré-industriais, os canais de difusão e transmissão da informação são essencialmente comunitários e informais, situando-se normalmente numa lógica familiar ou clônica [...] Na sociedade industrial, a emergência da infraestrutura das telecomunicações reduziu a necessidade de concentração e permitiu uma maior liberdade de localização no espaço (OLIVARES; GUEDES, 2013, 183-187).

⁴ A expressão “sociedade da informação” passou a ser utilizada, nos últimos anos desse século, como substituto para o conceito complexo de “sociedade pós-industrial” e como forma de transmitir o conteúdo específico do “novo paradigma técnico-econômico” (WERTHEIN, 2000, p. 71).

cidade, a Emissora Rural, a qual serviu para a implantação das escolas radiofônicas através do Movimento de Educação de Base – MEB pela Igreja Católica na década de 60.

Para conhecer parte dessa história, optou-se pelo processo de pesquisa de campo, com o objetivo de proporcionar “maior familiaridade com o problema”, e a realização de entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o objeto estudado, ao tempo que têm preocupação com a identificação dos fatores e que influenciam o mesmo (GIL, 2002, p.41-42). Assim, realizou-se entrevista aberta com uma participante desse processo, onde se pôde registrar e perceber a importância do rádio para a ampliação das perspectivas de formação dos alunos-ouvintes, especialmente da área rural do município de Petrolina – PE.

1. A EMISSORA RURAL

A rádio Emissora Rural AM 730, localizada em Petrolina-PE, teve há pouco tempo seu nome alterado para a Voz do São Francisco. Foi idealizada e fundada como instrumento de evangelização e humanização pelo 4º Bispo de Petrolina, Dom Antônio Campelo de Aragão, natural da cidade de Garanhuns – PE.

Não foi uma tarefa fácil instalar a rádio no interior de Pernambuco, “Dom Antônio Campelo teve muitas dificuldades para conseguir a concessão da emissora, o que levou anos de empenho para conseguir levar transmissão radiofônica às cidades do interior, entre elas, Petrolina, Caicó e Cajazeiras (BARROS; SANTOS, 2012, p. 4)”.

No dia 28 de outubro de 1962, a rádio foi inaugurada, sendo batizada com o nome de Fundação Emissora Rural: A Voz do São Francisco, cuja missão foi a de promover formação à população do nordeste brasileiro. Ato de coragem do Bispo Diocesano de Petrolina, Antonio Campelo de Aragão, incluindo seus assessores principais nesse ano, o padre Mansueto de Lavor e Carlos Augusto Amariz, radialista de ofício.

Dom Campelo enfrentou muitas dificuldades para concretizar seu desejo de implantar a rádio na cidade, principalmente, por estar na época da ditadura imposta pelo golpe militar de 1964 (BARROS; SANTOS, 2012). Assim, a programação da rádio passou a se limitar, entre outras programações da época, destacando o programa Círios da Catedral, o qual relatava os acontecimentos da igreja durante a semana; o Grande Jornal, apresentado domingo à noite depois do futebol, trazia os principais fatos da semana; e o programa MEB – Movimento de Educação e Base, por que objetivava a alfabetização do sertanejo que não teve oportunidades de aprender a ler e escrever na infância (BARROS; SANTOS, 2012, p. 4).

Durante a ditadura, a comunicação foi amplamente censurada e muitas pessoas perseguidas. Sodré (1983, p.435) comenta que os jornais e revistas nacionalistas ou esquerdistas foram fechados, instaurou-se rigorosíssima censura no rádio e na televisão. Vários jornalistas foram presos, torturados, exilados e tiveram seus direitos políticos cassados.

Melo (2007) e Klöckner (2008) dão como exemplo a censura ao programa Repórter Esso, noticiário de grande prestígio do período. Vários programas do rádio

e televisão foram censurados e extintos após o regime instalado em 1964. Mesmo com a censura agindo de maneira muito forte na história brasileira, por mais de vinte anos, a comunicação foi importante para que se efetivasse o processo da EAD através da radiodifusão, nesse caso, pela Emissora Rural no Sertão Pernambucano

2. A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA PELO MEB EM PETROLINA – PE NOS ANOS 60

O histórico levantado sobre o Movimento de Educação de Base – MEB, segundo Kadt (2007), mostra que sua implantação no Brasil foi organizada e planejada por uma equipe nacional pela CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em 1961, objetivando desenvolver um programa de educação de base por meio de escolas radiofônicas nos Estados do Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país, com sede no Rio de Janeiro, que teve como presidente Marina Bandeira⁵, que menciona, em entrevista:

Esse foi um projeto fabuloso e beneficiou o Nordeste, Amazonas e Centro-Oeste, lembra. O MEB constituía-se em um programa de educação por meio do rádio. “Essa atividade foi se aperfeiçoando e chegamos a oferecer aulas de alfabetização e fixação de linguagem. Num segundo momento, se verificava se as pessoas aprendiam a ler e a dar sua opinião sobre algum assunto. A ideia não era criar uma escola de mudos; queríamos que as pessoas aprendessem a falar, a conhecer seus direitos e responsabilidades” (IHU, 2010, s/p).

O projeto teve apoio do Governo Federal e do Estado, pois, de acordo com Kadt (2007, p. 14), “sua criação foi prestigiada pela Presidência da República e sua execução apoiada por vários ministérios e órgãos federais e estaduais, mediante financiamento e cessão de funcionários”. Mas, sua origem foi possível pelas experiências em educação dos bispos da igreja católica.

As origens do MEB têm sido localizadas nas experiências de educação pelo rádio realizadas pelos bispos brasileiros na Região Nordeste, principalmente no Rio Grande do Norte e em Sergipe, nos anos de 1950. Efetivamente, foi D. José Vicente Távora, arcebispo de Aracaju, que, a partir da experiência realizada por D. Eugênio Sales na Diocese de Natal e de sua própria iniciativa em Sergipe, formalizou à Presidência da República, em nome da CNBB, proposta de criação de amplo programa de alfabetização e educação de base, através de escolas radiofônicas (FÁVERO, 2004, p. 1).

A duração do programa foi de cinco anos e tinha em seu planejamento a intenção de, no primeiro ano, instalar 15 mil escolas radiofônicas no Brasil. Fávero (2004) descreve que na arquidiocese e diocese, o arcebispo ou bispo eram quem designava o diretor do MEB, que acompanhava a equipe de supervisores na alfabetização e conscientização do povo.

Essa oportunidade, na cidade de Petrolina no Sertão Pernambucano, iria aparecer com a fundação da Emissora Rural, que procurava, em sua programação, além do

⁵ Ex-secretária geral de Dom Vicente Távora, criador do Movimento de Educação de Base – MEB. Acompanhou o trabalho dele no Rio de Janeiro a partir de 1954. (IHU, 2010).

suporte noticiário, instalar uma escola radiofônica que permitisse promover educação do povo, na cidade e no interior no sertão nordestino. O argumento-chave desse programa era levar outra realidade ao ouvinte, criando um suporte comunitário nessas comunidades. Segundo Barros e Santos (2012), o programa

MEB objetivava a alfabetização do sertanejo que não teve oportunidades de aprender a ler e escrever na infância.

Esse momento histórico está gravado em forma de pintura, num quadro, que se encontra na rádio Emissora Rural, pintado pelo artista plástico petrolinense Celestino Gomes.



Quadro pintado pelo artista petrolinense Celestino Gomes.

Fonte: Acervo da Emissora Rural.

Esse quadro traz um vaqueiro – exemplo do tipo de aluno-ouvinte – escutando o rádio à luz do candeeiro e escrevendo suas primeiras palavras. Foi detalhada e pintada pela percepção e sensibilidade artística do pintor Celestino Gomes sobre as escolas radiofônicas, com a introdução do MEB na cidade.

Na Emissora Rural – A Voz do São Francisco em Petrolina, o programa do MEB tinha excelente retorno, na época a população recebia aparelhos de rádio que só transmitiam a emissora, e criou-se o termo “A hora do rádio” na casa da maioria desses brasileiros. Nessa época o rádio já vinha sendo ameaçado pela televisão nas grandes cidades, essa é outra característica das transmissões no interior, os interioranos não possuíam ainda acesso à televisão, o rádio

atuava como único veículo de informação e educação para essas comunidades (BARROS; SANTOS, 2012, P.5).

Nesse contexto, o Bispo Diocesano de Petrolina, Dom Antonio Campelo de Aragão, incluindo o seu assessor principal, o padre Mansueto de Lavor, convocou equipe de supervisores que deveriam assumir a educação do povo por meio do rádio. Para iniciar a alfabetização, foram nomeadas a coordenadora Maria Dinalva de Sá Medrando e as supervisoras Anete Rolim de Albuquerque, Elenita Dias e Raimunda Teixeira Coelho, que iriam ser treinadas e depois recrutariam pessoas interessadas em se alfabetizar por meio desse projeto (TEIXEIRA COELHO, 2012).



Pessoal recrutado para o MEB de Petrolina – PE e de Juazeiro – BA.

Fonte: Teixeira Coelho (2012)

Em entrevista, Raimunda Teixeira Coelho⁶, conhecida como professora Mundica, revelou que sua participação na escola radiofônica deu-se por estar integrada ao MEB, como supervisora, depois como coordenadora. Ocorreu por meio de convite do bispo de Petrolina, na época, Dom Campelo: “Fui convidada antes de me formar. Concluiria o Curso Pedagógico (que hoje é o de Licenciatura em Pedagogia) em 1º de dezembro de 1961 e, oito dias antes, fui chamada para integrar a equipe do MEB. Dom Antônio Campelo de Aragão nomeou como diretor do MEB na diocese, o padre Mansueto, que era o diretor da Emissora Rural, a Voz do São Francisco. Fez um trabalho muito bom à frente a Emissora Rural. Tornou-se político, chegando a senador da república”. (TEIXEIRA COELHO, 2012).

Na cidade de Petrolina havia poucas escolas, onde a maioria da população do interior era pouco instruída e não tinha conscientização da situação em que o Brasil se encontrava

nessa época. Para professora Mundica, assim se resumia o contexto educacional do município de Petrolina: “[...] As escolas eram limitadas, em pequena quantidade; o povo sem instrução; poucos sabiam ler e escrever nas comunidades em que estivemos: visitando, orientando e treinando monitores. Nas obras atuais, registra-se crescimento na educação, mas o atendimento quantitativo precisa melhorar muito em qualidade. Naquela época, não existia quase escolas na zona rural” (TEIXEIRA COELHO, 2012).

Como no ensino da EAD, o objetivo do MEB é o mesmo de ofertar a educação onde as pessoas se encontram, que na opinião de Nakazone (2005), no ensino a distância, os atores envolvidos, professores e alunos não necessitam estarem juntos de maneira presencial e que possam ir aos locais de difícil acesso onde o professor não esteja presencialmente, mas que possa facilitar a educação ao aluno. Segundo Teixeira Coelho (2012), “O MEB veio como uma iniciativa para

⁶ Graduada em Letras e Pedagogia, Pós-graduação em Planejamento e Avaliação, Vice-diretora do Colégio particular Dom Bosco em Petrolina – PE.

facilitar a educação do povo. Recebeu o apoio total da igreja para realmente ajudar na educação. Por isso digo que o governo, o povo deve muito à igreja nesse papel de educar, de evangelizar, de formar pessoas humanas, incluindo, além do conhecimento intelectual, a formação integral, o preparo para a vida com dignidade [...]”

Era uma novidade esse método de instrução a distância, tendo o fato despertado a

curiosidade de pessoas em outras localidades e que vinham observar a implantação das escolas, participar de reuniões e recreações com a comunidade. “A equipe escolhida para realizar esse trabalho, recebeu treinamento em Recife – PE. Fizemos cursos de preparação, organizados e orientados pela equipe nacional, dirigida por Marina Moreira, pessoa competente e humana e do Dr. Sílvio Loreto, advogado de renome, do Recife. Todos da equipe nacional, equipe estadual” (Ibidem).



Equipe nacional, equipe estadual e supervisores selecionados para atuarem no MEB. Fonte: Teixeira Coelho (2012)

Também foram convidados novos membros que integraram o grupo do MEB Petrolina: Margarida Galindo, Maria Helena Dias, Zélia Marques de Souza e outros, ainda por pouco tempo, conforme a informação da entrevistada.

Em relação ao convite para a professora Mundica participar deste projeto de Educação a Distância, ele ocorreu em dezembro de 1961. Ela foi convidada e quando a formação do MEB foi terminada em Recife, logo iniciou a atuar no projeto: “me formava no Curso de Pedagogia no dia 1º, já no dia seguinte eu já estava atuando na diocese pelo MEB. Agora

de trabalho, assim, aula, a gente organizou o trabalho até outubro” (TEIXEIRA COELHO, 2012). Assim, iniciou-se a participação dessa professora naquilo que viria se caracterizar como início da EAD através das escolas radiofônicas, nas quais a mesma, tinha muito orgulho em participar e poder ajudar na alfabetização das pessoas.

No entanto, foi no dia 28 de outubro de 1962, a data de inauguração e aniversário da Emissora Rural, que realmente começaram as aulas radiofônicas transmitidas às escolas dos diversos municípios da diocese:

“[...] Na época, era uma situação ainda de pouca conscientização do povo, então a gente, em 1962, começou um trabalho de preparação das comunidades, preparações de monitores que, foram pessoas escolhidas pela própria comunidade e que, tinham mais conhecimento em relação aos outros demais, para acompanhar as aulas que nós daríamos (começamos a dar no dia do aniversário da Emissora Rural, 28 de Outubro de 62). Eles foram preparados por nós para esse trabalho [...]” (Ibidem).

Pelo relato, percebeu-se que a conscientização e mobilização contribuíram na alfabetização de adultos e de jovens pelo MEB, ajudando-os na formação pessoal e social e na busca da dignidade humana que são outros dos objetivos da EAD no campo educacional defendido por Gomes *et al* (2013).

Nesse contexto, como nas aulas de EAD, as aulas do MEB também passaram por um planejamento, estudos, preparação dos professores, dos monitores, para que, com as condições necessárias, esse movimento efetivasse a instrução educacional na região. Segundo a professora Mundica, a região necessitava desse tipo de aula, pois muitas pessoas não tinham uma educação escolar adequada, não sabiam ler e nem escrever: “No contexto era esse, pouca alfabetização, quase ninguém sabia ler nessas comunidades em que nós estivemos visitando, orientando e escolhendo esses monitores que foram treinados. Nós fomos treinados anteriormente pelos supervisores; eram uma equipe na época formada por Maria de Nalva de Sá, Eu, Maria Anete Rolim de Albuquerque e Elenita Dias, depois outros elementos integraram mais tarde na equipe por pouco tempo” (TEIXEIRA COELHO, 2012).

Dessa forma, para que ocorresse realmente a sua funcionalidade de ensino a distância, as aulas passaram a ser transmitidas via rádio, ficando conhecidas com ESCOLAS RADIOFÔNICAS. Assim, para início de suas atividades, foram necessárias aulas de locução de rádio:

“[...] e então, eles formaram a equipe de orientadores que nos prepararam em termo de locução de rádio, tivemos o 1º contato com a análise profunda da realidade nacional, internacional, regional para a gente poder fazer um trabalho em cima da realidade, conscientizando o povo, preparando esse povo que não tinha conhecimentos básicos quase nenhum. Então esse treinamento foi muito importante [...]” (TEIXEIRA COELHO, 2012).

Assim, citando Gomes *et al* (2013) o ensino aprendizagem na Educação a Distância necessita da mediação de recursos didáticos de forma organizada e que sejam apresentados em diferentes suportes de informações e veiculados pelos diversos meios de comunicação.

A orientação não ficou restrita apenas à locução; foi necessário orientá-las sobre algumas disciplinas para a alfabetização e conscientização dos alunos. Além dos conteúdos de Língua Portuguesa e Matemática, eram trabalhadas noções de higiene e saúde, fundamentos da cultura religiosa e conhecimentos gerais na formação dos monitores. A EAD requer uma equipe com conhecimentos multidisciplinares que trabalhe dentro de uma abordagem interdisciplinar, de modo a preparar um material capaz de estimular o estudante a ser o principal ator do processo de construção de conhecimento (SILVA; SPANHOL, 2013).

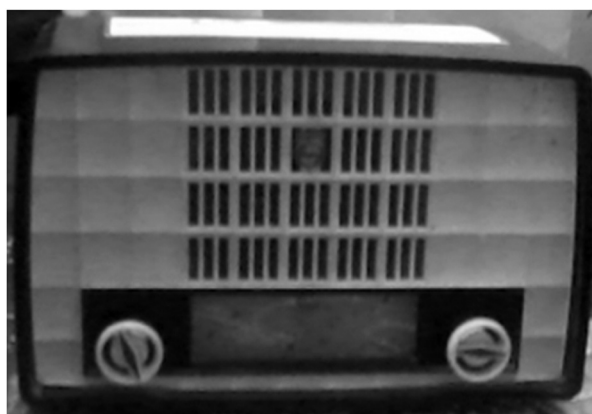
Nesse contexto, quando a equipe do MEB Petrolina retornou à cidade, começou a implantação das escolas que, segundo professora Mundica, iriam funcionar no horário das dezoito às dezenove horas, ou seja, apenas uma hora de aula na Emissora Rural e prosseguiria nas escolas: “As supervisoras davam as aulas; os alunos seguiam as orientações e, após aquele horário das aulas, os monitores tiravam dúvidas, colaboravam com o processo de a turma a aprender a ler, escrever, saber, buscar o próprio desenvolvimento e da comunidade” (TEIXEIRA COELHO, 2012).

Após o aval do diretor da Emissora Rural que era o padre Mansueto de Lavor, iniciou-se a implantação das escolas do MEB. Segundo a professora Mundica, foram implantadas mais de cento e dez escolas na diocese de Petrolina. A atuação dessas escolas sempre teve o apoio da população que assistia às aulas no horário das dezoito às dezenove horas. Nesse processo de implantação, foram distribuídos vários rádios a pilha para a recepção do sinal da Emissora Rural.

Com a implantação das escolas, seriam convidadas pessoas a serem voluntárias como monitoras e professores que ajudariam na explicação do assunto da aula transmitida via rádio:

“[...] eram chamadas de monitoras, elas eram pessoas preparadas, a gente teve o cuidado de escolher pessoas com nível médio, e o povo também tinha que optar por aquela pessoa ou não. O trabalho era voluntário, ninguém recebia nada, já era introduzido no voluntariado que muita gente fala hoje, mas que é de muito tempo [...]” (TEIXEIRA COELHO, 2012).

Nesse sentido, o conteúdo oferecido foi dado pela rádio Emissora Rural e, logo após, os monitores, em sala de aula, explicavam melhor o que foi transmitido e que se encontrava no ambiente de aprendizagem.

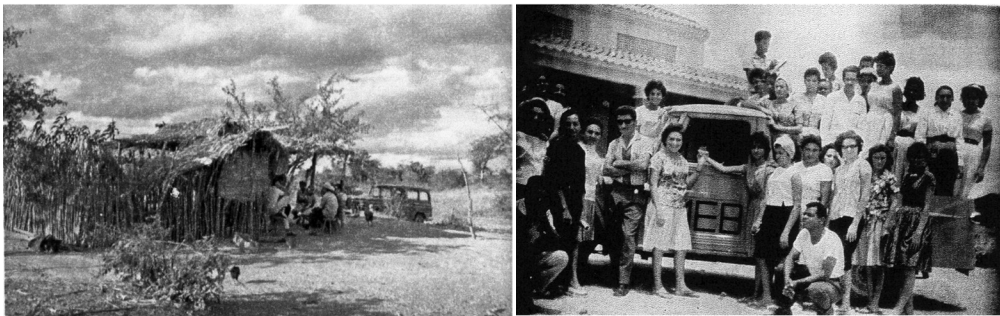


Rádio Cativo utilizado na programação do MEB em 1963.
(Fonte: Acervo da Emissora Rural)

“[...] o monitor ficava lá tirando dúvidas, a gente visitava de vez em quando as comunidades, para fazer o acompanhamento do desenvolvimento, e a gente percebeu como eles cresceram, cresceram em leitura, cresceram na escrita e também na fala, na comunicação oral e escrita, e também na própria liderança. Pessoas foram surgindo nas comunidades como, líderes das comunidades, foram se organizando, então tivemos monitor que se tornou presidente de sindicato aqui em Petrolina, um trabalho de desenvolvimento da comunidade [...]” (TEIXEIRA COELHO, 2012).

Com isso, a prática pedagógica do MEB segue um conceito fundamental da EAD que, segundo Moore e Kearsley (1996, p.1), deve ser composta por alunos e professores que estão separados pela distância, mas cujo objetivo seja em prol da educação.

O processo de ensino a distância promovido pelo MEB, com o empenho dos voluntários (os monitores), da radiodifusão das aulas, foi sendo consolidado na cidade de Petrolina, atingindo aquelas pessoas que não tinha acesso a uma escola, as quais poderiam ser alfabetizadas. Especialmente aos adultos, deu-se a oportunidade de aprender a ler e escrever.



Supervisores visitando escolas radiofônicas no interior do município de Petrolina.

Fonte: Teixeira Coelho (2012)

A participação dos alunos não ocorria somente na sala de aula; alguns enviavam correspondências à coordenação, aos supervisores, que transmitiam os programas de ensino, e eram divulgadas, no rádio bem como as opiniões que davam sobre o seu aprendizado na época.

“[...] os alunos participavam muito bem, mandavam correspondência pra gente, já demonstrando que aprendiam que houve evolução deles, da própria comunidade em que eles estavam inseridos.

Então foi um trabalho que eu considero que elevou mesmo o nível pessoal de muitos adultos e jovens que não tinham escola. E também da comunidade [...]” (TEIXEIRA COELHO, 2012).

Assim, esse comportamento seria, hoje em dia, comparado com o uso da tecnologia de comunicação, possivelmente enviado através de *e-mails*, *chats* educacionais e *blogs*.

Para a coordenadora, havia um interesse muito grande dos alunos em aprender através daquele método de ensino a distância com as

escolas radiofônicas. “Todo mundo queria aprender, era uma coisa de interesse muito grande e a seriedade do trabalho imprimia o respeito, confiança, e eles adoravam participar desses movimentos de educação de base” (Ibidem). A professora Mundica também relatou que, pelo MEB, não havia uma faixa etária escolhida para participar das aulas, mas a preferência era por adultos que não sabiam ler; os jovens entravam também porque não havia escolas, na época, para jovens. Muitos eram do interior, os das cidades nem tanto.

Todo ensino a distância tem seu material didático/pedagógico e não seria diferente com o MEB. Foi escolhida uma cartilha em nível nacional, também sendo elaborada pelos estados, mas que seria recolhida pelo regime ditatorial que ocorria no Brasil. A cartilha tinha como nome “Dever é Lutar”.

“[...] A restrição é que em algumas páginas vinha conscientizando mesmo, dizia, por exemplo, uma expressão 'O povo passa fome'. Por que o povo passa fome? O povo não sabe ler. Porque o povo não sabe ler. Podemos entendê-las como inquietação diante da dor ocasionada pela fome, pela ignorância. Buscando trabalhá-las num processo de tomada de consciência, de participação responsável, de conscientizar o homem, qualquer que seja sua escala social, sobre seu dever de ser agente/sujeito das transformações das comunidades” [...] (TEIXEIRA COELHO, 2012).

O método utilizado foi o de alfabetização de adultos de Paulo Freire, que foi exilado do país pelo seu ideal e pelas ideias libertárias de alfabetizar o povo para conscientização de sua situação social e política. Método que hoje é aplaudido no mundo inteiro, mas, na

época, não agradou aos militares. Na explicação mais detalhada da professora Mundica sobre esse método que foi passado para os professores coordenadores: “[...] o método era de ensinar com responsabilidade a partir de já expressões de frases. Não existia mais aquela de letras, sílabas. Então era um método já destinado ao adulto pois ele já tinha uma visão, uma compreensão de entender melhor, partindo de um texto, de frases, expressões, foi um método muito bom e, a partir daí, eles se desenvolveram realmente em termos de expressão e comunicação [...]” (Ibidem).

Através dessas falas, percebe-se que a EAD, além de ser uma modalidade educacional, contribui para a democratização da educação bem como para a educação continuada. Logo, segundo Silva e Spanhol (2013), a evidência da EAD passa a ser vista como prática educativa e social.

Na Emissora Rural, o horário das dezoido às dezenove horas já era destinado aos serviços do MEB. Segundo a professora Mundica, no ensino a distância, a certificação se faz necessária, os coordenadores e monitores tinham certificado de participação nos treinamentos em Recife, e também, às vezes, eles vinham dar orientação na cidade. Entretanto, os alunos não recebiam certificado.

“[...] era um trabalho muito sério e eu posso dizer, porque eu acompanhei e fiz com todo carinho e com todo amor, foi minha primeira experiência profissional, comecei a fazer faculdade depois, mal terminei. Achei uma experiência rica e honesta, séria. A gente andava quilômetros de distância, gastando litros de combustível tinha que fornecer todos os controles, notas de alimentação feita, não ganhava diária, apenas

o salário. Era uma cadeira prêmio não havendo necessidade de concurso. Mas, na região não foi visto críticas negativas de políticos e não sentimos uma posição ostensiva de ninguém. Eu o entendi como uma orientação de reflexão, ação, de descobertas, de aprendizado para a participação nas transformações necessárias, cada aprendiz, todos na busca do desenvolvimento com justiça e paz [...]” (TEIXEIRA COELHO, 2012).

A professora Mundica registrou nesta entrevista, que o Dr. Emmanuel Kadt, professor da Universidade de Londres, visitou o MEB Petrolina em setembro de 1966. Acompanhou esse trabalho junto a algumas escolas radiofônicas do interior, como fonte de pesquisa, estudos para sua obra “Católicos Radicais no Brasil” que escrevia sobre a “Igreja Católica e MEB no Brasil” e entrevistando pessoas ilustres da cidade.

Concluindo, a entrevista à coordenadora é categórica em informar sobre a qualidade e a potencialidade sobre esse tipo de ensino a distância através da rádio, “pode registrar que houve grandes méritos, um método de autêntica alfabetização do povo, a gente buscava torná-lo sujeito de suas mudanças pessoais e mudanças da comunidade que estavam” (TEIXEIRA COELHO, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No traço desenhado com o depoimento da professora Mundica, percebe-se a importância e a urgência, já antiga, de ações de formação que pudessem romper com as distâncias existentes no Brasil, não apenas geográficas, como também culturais, de gênero ou condição social. O MEB veio travestido

de intenções governamentais que tentaram, e ainda hoje tentam maquiagem, aos olhos externos, o real déficit que existe na formação do brasileiro, especialmente para aqueles que não puderam estudar desde a infância.

O registro dos personagens que participaram desses movimentos no país, especialmente no sertão brasileiro, é de suma importância para a valorização de conscientização da modalidade de ensino a distância como recurso fundamental para a autonomia de aprendizagem e para ampliação do atendimento educacional nesse período histórico.

Vale ressaltar que é necessário que outros trabalhos persigam localmente outras paisagens contadas sobre esse período, com o objetivo de revelar a história a partir de seus protagonistas, sejam eles professores, monitoras ou alunos.

Nesse mesmo espaço, outros agentes de educação possibilitaram a emancipação, cada um à sua forma, mesmo com a padronização escolar, de sujeitos que viram nesse movimento a única oportunidade de aprender a ler e escrever e, daí, passar a decodificar o mundo da língua falada em seus rabiscos impressos no papel, sendo ofertado através da modalidade de ensino a distância por meio do rádio na cidade de Petrolina – PE.

REFERÊNCIAS

- BARROS, L. L. D.; SANTOS, A. A voz censurada: os impactos da ditadura militar na rádio A Voz do São Francisco – Emissora Rural. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., 2012, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Intercom, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1047-2.pdf>>. Acesso em: 5 set. 2014.
- FÁVERO, O. MEB – Movimento de Educação de Base: primeiros tempos (1961-1966). In: ENCONTRO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5., 2004, Évora. **Anais...** Évora: Universidade de Évora, 2004.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMES et al. **Comunicação multidirecional: um ambiente de aprendizagem na educação a distância**. Disponível em: <http://www.abed.org.br/site/pt/midiateca/textos_ead/640/2005/11/comunicacao_multidirecional_-_um_ambiente_de_aprendizagem_na_educacao_a_distancia_>. Acesso em: 5 set. 2014.
- INSTITUTO HUMANISTAS UNISINOS. **Dom José Vicente Távora: um exemplo de trabalho social no Brasil**. Entrevista especial com Marina Bandeira. 2010. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/35789-dom-jose-vice-tavora-um-exemplo-de-trabalho-social-no-brasil-entrevista-especial-com-marina-bandeira#.UQkvfkfuxKk.facebook>>. Acesso em: 5 set. 2014.
- MELO, J. M. Síndrome da mordada: a maldição da censura no Brasil. In: _____ (Org.). **Síndrome da mordada: mídia e censura no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.
- NAKAZONE, B. V. **Educação a distância como ferramenta no combate ao analfabetismo de jovens e adultos em São Paulo**. 2005. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/textos/textobernadina1.pdf>>. Acesso em: dez. 2012.
- KADT, E. de. **Católicos radicais no Brasil**. Brasília: UNESCO/ MEC, 2007. 332 p. (Coleção Educação para Todos).
- KLÖCKNER, L. **O Repórter Esso: a síntese radiofônica mundial que fez história**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2008.
- MATTAR, J. **Guia de Educação a Distância**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.
- OLIVARES, M. G.; GUEDES, C. **Globalización, inversiones extranjeras y desarrollo en América Latina**. Disponível em: <<http://www.eumed.net/libros-gratis/2005/gog/3u.htm>>. Acesso em: 5 set. 2014.
- OLIVEIRA, C. V. de. **Construção do conhecimento mediado pela educação online**. 2005. 36 f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Tecnologia Educacional) – Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://www.avm.edu.br/monopdf/31/CARLOS%20VICTOR%20DE%20OLIVEIRA.pdf>>. Acesso em: 5 set. 2014.
- PIAGET, J.; GRÉCO, P. **Aprendizagem e conhecimento**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.

SILVA, A. R. L. da; SPANHOL, F. J. **Elaborando material didático em EAD:** uma abordagem centrada na equipe multidisciplinar. Florianópolis, 2013. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2013/cd/52.doc>>. Acesso em: 5 set. 2014.

SODRÉ, N. **História da imprensa no Brasil.** São Paulo: Martins Fontes, 1983.

TEIXEIRA COELHO, R. **Professora Mundica.** Entrevista concedida a José Roberto Barbosa Feitosa em 16 nov. 2012.

TORI, R. **Avaliando distâncias na educação.** 2005. Disponível em: <http://www.abed.org.br/site/pt/midiateca/textos_ead/638/2005/11/avaliando_distancias_na_educacao_>. Acesso em: 5 set. 2014.

WERTHEIN, J. A sociedade da informação e seus desafios. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652000000200009&script=sci_arttext>. Acesso em: 5 set. 2014.

